

# CONSTANTINOPLA: CIDADE POLISSÊMICA

João Vicente de Medeiros Publio Dias



A longa história de Constantinopla como capital do Império Romano começa com sua fundação em 330 d. C e termina com a sua tomada pelos turcos otomanos em 1453, os quais a fazem, por sua vez, a capital do seu próprio império. Essa longevidade não significa, porém, imobilismo: houve diversas “Constantinoplas”, algumas delas simultaneamente.

Como é de conhecimento geral, o imperador Constantino I (306-337) fundou a nova capital do Império Romano na antiga colônia megarense de Bizâncio em 330 d.C depois de, supostamente, ter uma visão divinamente inspirada. Constantinopla, a “Cidade de Constantino”, um dos nomes pelo qual ela passa a ser chamada, foi reconstruída como uma réplica da Roma original, com Senado, Forae e Hipódromo. Como recentemente apontou Anthony Kaldellis (2020), a fundação de Constantinopla como “Nova Roma” não foi um ato ex nihilo de Constantino I, mas encontra precedentes em diversas “novas Romas” que existiram anteriormente. Desde o século III, os imperadores raramente pisavam na cidade de Roma, criando cortes e estruturas administrativas onde quer que se encontrassem, seja em Trier na Germânia, seja em Nicomédia na Bitínia. Todos esses locais se tornavam, por meio dessa mobilidade imperial, “novas Romas” no momento em que eram transformadas em centros de poder.

Outro ponto importante é o quão cristã Constantinopla era em seu início. A fundação de Constantinopla passou por uma profunda releitura por autores bizantinos posteriores que projetaram seu presente – hegemonicamente cristão ortodoxo – em tempos em que nem o Cristianismo havia se firmado como religião majoritária e nem a Ortodoxia havia sido estabelecida. Sob o olhar desses autores, Constantinopla se torna uma urbs christianissima desde seus primeiros dias e Constantino I um santo. Essa não era a situação existente no século IV: as tradições pagãs eram ainda importantes no mundo romano, por isso foram trazidas para a Nova Roma de Constantino. Não somente ele abarrotou Constantinopla com imagens de divindades pagãs, mas se deixou retratar na forma de uma estátua de Deus-Sol erigida no topo de uma coluna no Fórum de Constantino, o ponto mais central da

---

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. CONSTANTINOPLA: CIDADE POLISSÊMICA. *Cidades Épicas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

cidade (veja aqui uma reconstrução digital do Fórum de Constantino e da representação do imperador como Deus-Sol).

Apesar de sua fundação como a nova capital do Império Romano, os imperadores não se estabeleceram lá imediatamente, mas continuaram a manter suas cortes itinerantes em acampamentos militares nas fronteiras. Somente a partir do século IV, eles finalmente se estabeleceram em Constantinopla (WARD-PERKINS, 2014: 116-117, 122-124). Simultaneamente, o Cristianismo em sua vertente niceno-calcedoniana foi adotado como religião hegemônica e oficial do Império. Ao se transformar no foco de um poder profundamente imbricado com a religião, Constantinopla se tornou num centro político e religioso, sendo impossível saber onde o político começava e o religioso terminava. O exemplo disso é a Catedral de Santa Sofia. A palavra “igreja” ou “catedral” não bastam para descrever esse edifício e suas múltiplas funções. Ao contrário de outras igrejas importantes, a localização de Santa Sofia não é ligada a nenhuma passagem bíblica e tampouco foi palco de algum martírio; sua importância era inteiramente baseada na proximidade física do imperador e de seu palácio. Construída em sua versão atual pelo imperador Justiniano I (527-565), Santa Sofia era o palco no qual o imperador se projetava publicamente em cerimônias. Elas envolviam todos os estratos sociais da cidade, dos dignitários e senadores ao povo miúdo, para sinalizar que todos participavam de uma ordem divina – taxis – na qual cada um tinha seu papel e o imperador estava no topo. As cerimônias imperiais eram parte do cotidiano da cidade, pois, segundo o Livro de Cerimônias do imperador Constantino VII (913-959), muitas delas aconteciam semanalmente, o que exigia uma dedicação integral do imperador e dos dignitários, além de sua presença constante em Constantinopla (MCCORMICK, 1985).

Obviamente, a participação nas numerosas cerimônias por parte da elite e da plebe constantinopolitana não era motivada somente por lealdade à ordem imperial: em muitas delas recompensas e presentes eram distribuídos pelas mãos do imperador. Logo, a elite era recompensada suntuosamente e o as multidões esperavam que parte dessa munificência imperial lhe fosse repassado. Miguel Atalíates, historiador e cortesão do final do século XI, narra que, nessas ocasiões, os pobres e despossuídos iam à casa dos senadores e dignitários esperando receber esmolas, provavelmente em cerimônias domésticas que mimetizavam as que aconteciam no palácio (ATALIATES, 2002: 197-198). Tais eventos se tornaram parte do cotidiano da cidade de tal forma que outros grupos como corporações de ofício, estudantes de direito e famílias batizando seus filhos também organizavam suas próprias cerimônias privadas (MCCORMICK, 1985: 14-15).

O episódio relatado por Atalíates sumariza de forma excelente a posição de Constantinopla na complexa engrenagem política, econômica, simbólica e religiosa que era Bizâncio: um centro que absorve seres humanos e recursos, os processa internamente e os transforma em poder simbólico e político, assim Constantinopla se legitima frente às províncias que a sustentam e internamente frente à sua população ao envolvê-la em todos os seus setores na projeção de sua glória e autoridade.

### **Para saber mais**

KALDELLIS, Anthony. How Was a ‘New Rome’ Even Thinkable? Premonitions of Constantinople and the Portability of Rome. In: KIM, Y. R.; McLaughlin, A. E. T. (ed.). *Leadership and Community in Late Antiquity: Essays in Honour of Raymond Van Dam*. Turnhout: Brepols, 2020, p. 221-247.

---

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. CONSTANTINOPLA: CIDADE POLISSÊMICA. *Cidades Épicas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>



MIGUEL ATALIATES, *Historia*. ed. PÉREZ MARTÍN, Inmaculada. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas, 2002.

MCCORMICK, Michael. *Eternal Victory. Triumphal Rulership in Late Antiquity, Byzantium, and the Early Medieval West*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

WARD-PERKINS, Bryan. *A Most Unusual Empire: Rome in the Fourth Century*. In: RAPP, C.; DRAKE, H. (ed.). *The City in the Classical and Post-Classical World: Changing Contexts of Power and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 109–129.

---

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. *CONSTANTINOPLA: CIDADE POLISSÊMICA. Cidades Épicas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>

